



Acta Scientiarum. Language and Culture
ISSN: 1983-4675

ISSN: 1983-4683

actalan@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Clarice Lispector recontada: entrevista com Nádia Battella Gotlib

da Silva, Sandro Adriano

Clarice Lispector recontada: entrevista com Nádia Battella Gotlib

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 43, núm. 1, e57710, 2021

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307468961014>



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional.



Clarice Lispector recontada: entrevista com Nádia Battella Gotlib

Sandro Adriano da Silva
Universidade Estadual do Paraná, Brasil
profsandrounespar@gmail.com

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307468961014>

Recepción: 08 Febrero 2021
Aprobación: 03 Marzo 2021

CLARICE LISPECTOR RECONTADA: ENTREVISTA COM NÁDIA BATTLELLA GOTLIB

Agamben (2016, p. 105) reivindica para a essência do enigma “[...] uma promessa de mistério [...]” e um “[...] pathos [...]” que nutrem a expectativa da representação, ou mais especificamente, da aparência. O enigma, na visão do crítico italiano, traz consigo uma filosofia da desilusão e um desespero diante dela. O fato enigmático “[...] se refere apenas à linguagem e à sua ambiguidade [...]” (Agamben, 2016, p. 105), não consegue “[...] captar o ser, a um tempo perfeitamente manifesto e absolutamente indizível” (Agamben, 2016, p. 106). Diante do não nomeado, instaura-se o medo. O medo da ‘verdade’. Ou da fabricação de uma imagem da verdade. É esse medo arcaico “[...] contido em toda representação tem no enigma a sua expressão e o seu antídoto [...]”, afirma Agamben (2016, p. 106).

Daí uma biografia constituir-se um gênero que remete a uma ‘máquina desejante’, no sentido que este conceito tem para Deleuze e Guattari (1976, p. 51), posto que “[...] o que define precisamente as máquinas desejantes é o seu poder de conexão ao infinito, em todos os sentidos e em todas as direções”. Clarice: uma vida que se conta, resultado da tese de livre-docência da professora e crítica de literatura, Nádia Battella Gotlib^[1], publicada pela primeira vez em 1995, tem como objeto uma máquina desejante de enigma chamada Clarice Lispector. O ensaio biográfico-crítico de Gotlib captura e cartografa perspectivas e dimensões plurívocas da vida e da obra de Clarice Lispector, advogando a presença de uma interseccionalidade entre ambas, e pondo em relevo, o desenho de uma biobibliografia que se inscreve sob o signo da intensidade, do mistério, de linhas de força de uma estética da existência, como num ‘romance de formação’. Exercício acurado e de uma “[...] alegria difícil [...]”, para lembrar a narradora de *A paixão* segundo G. H. (Lispector, 1964, p. 5) – ou de uma “[...] felicidade diabólica [...]” da narradora de *Água viva* (Lispector, 1993, p. 27) - que enseja uma visão caleidoscópica – e sem o ônus hagiográfico –, diante de uma vida, de um estilo, de uma experiência existencial e escritural nômades (Curi, 2001); de uma visão de literatura marcada pela fluidez, pelo devir, pela obsessão pelo “[...] instante-já” (Lispector, 1993, p. 28) - o ovo clariceano e sua “[...] impossível captação” (Souza, 2013, p. 81): “Estou improvisando e a beleza do que improviso é fuga [...]”, confessa a narradora de *Água viva* (Lispector, 1993, p. 52).

Na comemoração do centenário de nascimento da escritora e vinte e cinco anos da publicação de Clarice Lispector, uma vida que se conta, Nádia B. Gotlib (2013) gentilmente cede a breve entrevista que aqui se segue, cuja arguição busca sobretudo a permanência da interrogação sobre essa dimensão enigmática que os sentidos da obra clariceana infundem no leitor e na leitora, como nota de tributo a uma ‘verdade’ de “[...] silêncio e leve espanto” (Lispector, 1993, p. 92) de uma vida que continua a contar-se a si mesma, mantendo a desilusão de ser tomada em sua totalidade, e sem necessariamente inventariar os porquês, conquanto “[...] pode-se perguntar sempre por que e sempre continuar sem resposta...” (Lispector, 1993, p. 15).

ENTREVISTA COM NÁDIA BATELLA GOTLIB

Pergunta: Como foi seu encontro com essa ‘vida que se conta’ chamada Clarice Lispector? Quais foram seus maiores e mais intensos embates (se os houve) com esse ensaio que você denomina ‘biografia literária’?

Nádia Battella Gotlib: O encontro aconteceu aos poucos e de modo pausado. Primeiramente, quando era estudante de Letras e li Laços de família. Fiquei intrigada com esses contos que eram diferentes de todos os que lera anteriormente. A partir daí li outros textos da escritora, até que, em início dos anos 1980, já como professora de Literatura Brasileira da USP, comecei a dar cursos de pós-graduação especificamente sobre a literatura de Clarice Lispector. E não parei mais. Sentia então necessidade de informações mais detalhadas sobre sua vida, que pudesse complementar os dados disponíveis em entrevistas que ela concedera e também em demais artigos publicados na imprensa, elaborados por críticos e interessados em sua literatura. Como não havia ainda uma biografia, decidi, como tese de livre-docência, continuar com o que já fazia – um estudo da obra de Clarice, mas acrescentando, paralelamente, um estudo de vida, ou seja, um fio cronológico de sua história de vida. E assim fiz. O livro, publicado em 1995, continua vivo na sua sétima edição.

Pergunta: Nos agradecimentos de Clarice: uma vida que se conta (2013) figuram importantes nomes da crítica literária brasileira, alguns dos quais especialistas na obra da autora, outros que conviveram com ela, e que seu ensaio amalgama em busca de uma ‘imagem de Clarice’. Como você interpreta essa contribuição e em que medida essas vozes alcançaram o ‘é da coisa’ lispectoriana? E como você avalia a crítica literária produzida atualmente, sobretudo a acadêmica, em torno da obra de Clarice Lispector?

Nádia Battella Gotlib: Vamos começar pela primeira pergunta. De fato, o que eu quis, num capítulo de introdução desse meu livro, foi apresentar diversas ‘visões’ de Clarice registradas por pessoas que com ela conviveram ou mesmo que a viram, em algum momento. E já anunciar que, por mais que com ela tenham convivido, era necessário registrar também que a própria escritora se considerava indevassável, ao afirmar que guardava um território que era só dela, inacessível a quaisquer outros. Ou seja, havia ali um enigma. Seja como for, eis um aspecto significativo na obra e na pessoa de Clarice, que ela bem conhecia: o seu próprio mistério.

E agora vamos à segunda pergunta. Clarice foi lida pela crítica de diversas maneiras. Num certo momento, a partir do existencialismo, sobretudo sartreano. E também segundo o formalismo russo e o pós-estruturalismo, e assim por diante. Atualmente, nesses tempos de pandemia, e em que passamos por um governo genocida, eu, particularmente, voltei-me para o aspecto ético de sua obra que é tão intensamente pautado em valores humanísticos. Acabo de escrever artigo com base nessa perspectiva de leitura.

Pergunta: Na Apresentação de seu ensaio biográfico, você reconhece “[...] um laço íntimo que aí se instala, talvez pela importância que a linguagem e a narrativa sempre tiveram na vida de Clarice”. Você acredita que esse elan entre vida e obra em Clarice tenha sido deliberado ou tudo tenha se dado, como ela diz sobre a criação de *A Cidade sitiada* (1949), “[...] tudo meio cegamente. Eu elaborei muito inconscientemente”.

Nádia Battella Gotlib: Difícil estabelecer limites entre ações conscientes e inconscientes quando se trata de produção literária. Recebemos o produto pronto, resultado de mistura um tanto mágica, já que muitas vezes nem o próprio autor conhece a origem de ideias, imagens, sugestões, de que faz uso no seu trabalho artístico. Seria resultado de uma reflexão? Ou do que se costuma chamar de inspiração? E como acontece a combinação de tantos elementos que compõem uma obra? Se Clarice afirma que escreve ‘cegamente’, por outro lado era lúcida, muito lúcida, e tinha noção do que fazia. E como fazia. Usava estratégias inteligentes de ação narrativa para ‘seduzir’ e ‘raptar’ o seu leitor. Evando Nascimento desenvolveu em livro essa ideia, com a qual concordo, de que Clarice produziu uma ‘literatura pensante’. Apenas ressalto que, em momentos, essa literatura chegou a surpreender até sua própria autora, como se ela tivesse consciência do que fez depois de haver escrito. É o que acontece com alguns personagens seus. É o que ela própria confessa haver acontecido também consigo mesma, em momentos de sua carreira de escritora.

Pergunta: Ao se referir ao conto de lastro biográfico, *A mulher que matou os peixes*, você afirma que não “[...] se pode confiar em tudo o que a narradora-Clarice afirma, já que ela por vezes dissimula e inventa”.

Qual o lugar e o limite da ‘memória’ em Clarice Lispector? Do conjunto de sua obra, há uma em especial que melhor aproximaria o real e a ficção?

Nádia Battella Gotlib: Há detalhes autobiográficos na obra de Clarice. Mas é preciso sempre ter em mente que Clarice é uma escritora que faz ficção. Inventa. E, portanto, não há como considerar seus textos ficcionais como autobiográficos. O que acontece é que em alguns textos ficcionais ela menciona certos detalhes de sua própria vida: fatos, pessoas, lugares. Mas ficção é ficção e assim é que tais textos nos chegam. Como invenções. Em crônicas e contos tais detalhes assumem uma outra função, mesmo porque a autora aí assina com seu próprio nome, supondo-se que essa primeira pessoa que narra é, sim, a própria Clarice. No entanto, o produto nem é sempre fiel a sua história, já que documentos, em certos casos, mostram dados diferentes do que ela aí nos expõe.

Pergunta: [...] Em meio à banalidade do cotidiano, a ruptura do tempo histórico, mergulhando numa outra realidade que se eterniza e se repete no gosto doce e amargo das coisas de que somos feitos”. Essa é uma consideração que você faz ao relacionar a crônica *Medo da eternidade*, publicada por Clarice, em 1970. Como se dá essa subjetivação da crônica clariceana?

Nádia Battella Gotlib: Trata-se de um exemplo do que vinha desenvolvendo na pergunta anterior. Baseia-se em fato biográfico, mas o produto é obra de uma exímia ficcionista, que sabe extrair, a partir de um fato banal, um significado maior, mas verdadeira reflexão referente a nossa condição humana, sujeita ao movimento e à mudança, que é o que nos move e o que nos estimula a ‘viver’.

Pergunta: Em *De corpo inteiro* (1975), Clarice Lispector parece fundir a cronista literária com a jornalista que entrevista. Você poderia comentar sobre essa faceta da autora?

Nádia Battella Gotlib: Essa faceta jornalística de Clarice vem sendo exaustivamente estudada por Aparecida Maria Nunes desde os anos 1980 e teve uma primeira publicação com sua dissertação de mestrado em 1991, em que registrou o mapeamento dessa produção. Um dos aspectos que a estudiosa ressalta é sim, essa postura de jornalista um tanto sui generis, na medida em que ela, soltamente, se insere na conversa com o entrevistado fazendo-lhe perguntas e expondo reações próprias, da própria entrevistadora, que escapam do padrão em vigência na época.

Pergunta: Nas mídias sociais, a imagem de Clarice Lispector recebe um tratamento paradoxal: as camadas profundas e a densidade metafórica de sua escrita são recortadas, dissimuladas em aforismos quando não em mês – o que, ironicamente, lembra a fragmentação do repertório da autora, apontada por você no posfácio da nova edição de *Perto do coração selvagem* (2020). Como você avalia esse fenômeno?

Nádia Battella Gotlib: O fenômeno é bom, porque leva a Clarice a muitos leitores, quem sabe a futuros leitores da obra de Clarice tal como se encontra publicada, na íntegra. É péssimo, porque leva, e frequentemente, uma fake Clarice a muitos leitores que acreditam que aquela ali é a Clarice verdadeira.

Pergunta: Com o centenário de Clarice Lispector alavancando leituras, novas edições de suas obras, e uma fortuna crítica ainda mais profícua, você acredita que o desejo de Clarice, registrado na dedicatória de *A paixão segundo G. H.* (1964), sobre ser lida por leitores de ‘alma formada’, vem se realizando?

Nádia Battella Gotlib: A crítica pode colaborar para uma melhor ‘apreensão’ da obra de Clarice, sim. Quanto a ter ou não ‘alma formada’, é preciso considerar o que a escritora quis dizer com essa expressão. Na entrevista que concedeu à TV Cultura, afirma que há diferentes reações de leitores diante desse seu romance: os que gostam e os que não gostam, independentemente de idade e de formação escolar... A literatura de Clarice, conforme a própria Clarice, ou nos ‘toca’ ou ‘não nos toca.’ É preciso estarmos disponíveis para sermos por ela fisgados.

Pergunta: Fechando seu ensaio, você afirma que na “[...] fase derradeira, a literatura de Clarice Lispector persiste nos motivos primeiros, fiel a um dado de experiência intensa”. Tomada em seu todo, a obra de Clarice seria um ‘romance de formação’?

Nádia Battella Gotlib: Concordo com essa tese. E é o que desenvolvo num artigo que acabo de escrever. O conjunto de sua obra nos propõe posturas filosóficas do ponto de vista ético, moral e político, que, no

seu conjunto, podem ser consideradas como uma ‘obra de formação’. E muito úteis nos dias atuais, em que vivemos, segundo trecho de A hora da estrela, “[...] em estado de emergência e de calamidade pública”.

Pergunta: Que pergunta você teria feito a Clarice?

Nádia Battella Gotlib: Acho que, diante de Clarice, não teria feito pergunta nenhuma. Ficaria quieta, olhando para ela. Em pleno silêncio. Pois no silêncio, em que nada acontece, é que tudo pode acontecer.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2016). Ideia da prosa (2a reimpr., J. Barrento, Trad., Coleção Filô, 3). Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.
- Curi, S. (2001). A escritura nômade de Clarice Lispector. Chapecó, SC: Argos.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1976). O anti-Édipo. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Gotlib, N. B. (2012). Tarsila do Amaral, a modernista (4a ed.). São Paulo, SP: Senac.
- Gotlib, N. B. (2012). Teoria do conto (12a ed.). São Paulo, SP: Ática.
- Gotlib, N. B. (2013). Clarice, uma vida que se conta (7a ed. rev. e aum.). São Paulo, SP: Edusp.
- Gotlib, N. B. (2014). Clarice Fotobiografia (3a ed. rev. e aum.). São Paulo, SP: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Gotlib, N. B. (2020). Posfácio. In C. Lispector. Perto do coração selvagem. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Lispector, C. (1949). A cidade sitiada. Rio de Janeiro, RJ: A noite.
- Lispector, C. (1964). A paixão segundo G. H. Rio de Janeiro, RJ: Editora do Autor.
- Lispector, C. (1975). De corpo inteiro. Rio de Janeiro, RJ: Artenova.
- Lispector, C. (1993). Água viva. Rio de Janeiro, RJ: F. Alves.
- Lispector, C. (2009). Laços de família. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Lispector, C. (2017). A hora da estrela. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Lispector, C. (1983). A mulher que matou os peixes. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Lispector, C. (2020). Medo da eternidade. In C. Lispector, A descoberta do mundo. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Souza, C. M. (2013). Clarice Lispector: pinturas. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.

NOTAS

- [1] Nádia Battella Gotlib é livre-docente pela Universidade de São Paulo, onde atuou como professora de Literatura Portuguesa e de Literatura Brasileira. Foi pesquisadora Sênior do CNPq. Atualmente é professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP. Foi professora visitante de várias universidades brasileiras federais, estaduais e privadas. E no exterior foi visiting fellow junto a Oxford University Centre for Brazilian Studies e Senior Assistant Membre (SAM) junto ao St. Antony's College, da Universidade de Oxford (1998). Ministrhou cursos pela Cátedra de Estudos Brasileiros da Universidade de Buenos Aires. Coordenou o GT A mulher na literatura da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). É autora de diversas obras de teoria e crítica literária, entre elas: Teoria do conto (2012); Tarsila do Amaral, a modernista (2012); Clarice, uma vida que se conta (2013); Clarice Fotobiografia (2014). Esses dois últimos foram traduzidos para o espanhol, respectivamente em Buenos Aires (2007) e México (2015).